

Ferrer, Diogo, *O sistema da incompletude. A Doutrina da Ciência de 1794 a 1804*

Luis Fellipe Garcia



Editora
EuroPhilosophie Editions

Edição electrónica

URL: <http://ref.revues.org/718>
ISSN: 2258-014X

Refêrencia eletrónica

Luis Fellipe Garcia, « Ferrer, Diogo, *O sistema da incompletude. A Doutrina da Ciência de 1794 a 1804* », *Revista de Estud(i)os sobre Fichte* [Online], 13 | 2017, posto online no dia 01 Março 2017, consultado o 16 Março 2017. URL : <http://ref.revues.org/718>

Este documento foi criado de forma automática no dia 16 Março 2017.

© EuroPhilosophie

Ferrer, Diogo, *O sistema da incompletude. A Doutrina da Ciência de 1794 a 1804*

Luis Fellipe Garcia

REFERÊNCIA

Ferrer, D., *O sistema da incompletude. A Doutrina da Ciência de 1794 a 1804*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, 215 pp, ISBN 9789892606996

- 1 Um duplo preconceito paira em torno da figura de Johann Gottlieb Fichte: que ele seja um idealista subjetivo cujo projeto constitui uma tentativa de explicar toda a existência a partir do mero sujeito, e que ele seja apenas um elo no percurso filosófico que vai de Kant a Hegel. O primeiro preconceito afasta os estudiosos do pensamento fichteano, tido por uma quimera insustentável; o segundo faz dele um filósofo de importância secundária, a ser estudado para melhor entender problemas kantianos ou para reconstruir historicamente um percurso que só se realizará plenamente com Hegel. Nos últimos anos, contudo, surgiu um renovado interesse pelo pensamento fichteano enquanto tal, propulsionado sobretudo pelo excelente trabalho editorial da Academia Bávara de Ciências a qual iniciou em 1962 a publicação de uma nova edição das obras completas do filósofo de Rammenau incluindo suas notas de curso, suas correspondências e inúmeros escritos inéditos. A renovação da *Forschung* fichteana se manifesta desde então no surgimento de sociedades internacionais dedicadas ao pensamento do autor, como a *Intertionale Johann Gottlieb Fichte-Gesellschaft* em 1987, e de veículos de publicação regular destinados a especialistas, como a *Fichte Studien* em 1990, que motivam a pesquisa e a circulação de ideias de alto nível sobre o assunto.
- 2 O Livro de Diogo Ferrer, *O Sistema da Incompletude. A Doutrina da Ciência de 1794 a 1804* publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 2014 se insere nesse

ressurgimento de interesse pelo pensamento fichteano e põe à disposição do público lusófono uma detalhada exploração das potencialidades conceituais internas desse peculiar sistema filosófico. Como se sabe, o filósofo de Rammenau deu o nome de *Wissenschaftslehre* – em português, Doutrina da Ciência – ao projeto ao qual ele dedicou todos os seus anos de produtividade intelectual desde 1794 até a sua morte precoce em 1814; nesse período, estima-se que Fichte tenha escrito 15 versões de sua *Wissenschaftslehre*. O livro de Diogo Ferrer trata de reconstruir de um ponto de vista diacrônico quatro das cinco primeiras exposições públicas do sistema fichteano, a saber: *Os Fundamentos de toda a Doutrina da Ciência*, *A Doutrina da Ciência Nova Methodo*, a primeira exposição da *Doutrina da Ciência de 1801* (a segunda exposição é rapidamente abordada) e a primeira exposição da *Doutrina da Ciência de 1804*.

- 3 A tese central do autor é a de que é possível apreender a continuidade diacrônica do pensamento fichteano a partir do conceito de “sistema da incompletude”, um conceito que sintetiza a *necessária reflexividade do saber*, contida na noção de *sistema*, com a *contingência da experiência*, que evidencia a *incompletude* de toda construção conceitual. O fio condutor da argumentação é o que autor chama de *diferença transcendental*, uma espécie de cisão originária entre consciência e mundo da qual depende todo saber possível; tal ferramenta conceitual, que manifesta uma “proximidade distanciada de Kant” (p. 48), retoma a diferença já articulada na filosofia crítica entre intuição e conceito. A partir dessa ferramenta, o autor visa a abordar cada uma das quatro obras servindo-se de uma estratégia tripla: (i) identificar o plano fundamental atribuído à filosofia como atividade do espírito; (ii) explorar tematicamente e (iii) diacronicamente a exposição tratada.
- 4 A primeira obra abordada consiste nos *Fundamentos de toda a Doutrina da Ciência (Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre)* de 1794/1795. A divisão tripartite da exposição – princípios, saber teórico e saber prático – é apresentada e explorada nas suas especificidades, sobretudo a questão da ambiguidade do primeiro princípio que, desde a crítica formulada por Hölderlin em carta a Hegel em 1795, fez correr grande quantidade de tinta entre os interessados nos escritos fichteanos. Com efeito, avança o autor, o princípio da filosofia deve satisfazer uma dupla condição, a saber, (i) ser autofundado e (ii) abranger a totalidade do representável – tal princípio, que Fichte identifica ao Eu como paradigma da identidade, contém em si a primeira expressão do que o autor chama de *diferença transcendental*, pois o Eu é simultaneamente atividade espontânea (um *absoluto* que não pode ser explicado por uma causa anterior) e autorreferência (algo objetivado pela própria referência e, nessa medida, *finito*). A ambiguidade do princípio conduz à sua abertura a dois outros princípios sem os quais a finitude, e por conseguinte a dimensão autorreferencial do Eu, seria incompreensível; estes dois outros princípios parcialmente dependentes do primeiro – a oposição assumindo a forma do não-eu e a contraposição eu x não-eu – entram em um jogo de influências recíprocas que explicará, no saber teórico, o surgimento da consciência e de suas categorias. O autor identifica uma dupla originalidade do percurso teórico dos *Fundamentos*, a saber, (i) o fato de que à gênese das categorias corresponde uma simultânea gênese da consciência, precisamente porque são as categorias que permitirão a tomada de consciência das relações entre eu e não-eu e (ii) o fato de que tais relações serão representantes de teorias explicativas da própria consciência assumindo a forma de posições filosóficas possíveis. O resultado do percurso revela segundo o autor (a) a simultânea finitude e infinitude do Eu; (b) a imaginação como seu suporte metodológico para oscilar entre a finitude e a infinitude e (c) a relação

constitutiva entre completude e contradição, de tal modo que a exigência da não-contradição resultará na necessária incompletude do sistema – uma incompletude cujas potencialidades serão exploradas da perspectiva do saber prático.

- 5 A segunda exposição do sistema, conhecida como *Nova Methodo*, é composta, avança o autor, para corrigir problemas da exposição anterior e para ampliá-la, passando agora dos *fundamentos do saber* a uma verdadeira exposição do *sistema do saber*. A divisão tripartite é abandonada e os princípios são eles mesmos derivados de uma análise dos pressupostos do conceito de reflexão. Essa nova estratégia expositiva conduz Fichte à descoberta, segundo o autor, do conceito fenomenológico de *horizonte*, pois, com efeito, o ato reflexivo conduzindo à consciência, chamado doravante por Fichte de *intuição intelectual*, pressupõe um espaço de determinabilidade, um horizonte, de cuja determinidade resultará o eu consciente. O ato-reflexivo introduz destarte a ambiguidade da identidade, revelando, simultaneamente, um horizonte determinável posto como algo visado e o eu consciente como aquilo que é efetivamente encontrado pela atividade de determinação; há assim, nas palavras do autor, uma dialética entre o *procurar* (posição absoluta de um horizonte) e o *encontrar* (realidade que se apresenta diante de si). Surge destarte uma série dupla, composta, de um lado, pelo horizonte de reflexão e, de outro, pela autorreferência básica da realidade, a qual o autor denomina, em uma bela fórmula, de *sentimento transcendental*, isto é, o sentimento que funda a possibilidade da experiência. Nessa série dupla, revela-se que: do lado da reflexão, a consciência imediata (posição obscura) só pode evoluir para a consciência de si (posição clara) pelo sair de si, isto é, pela construção da distância que caracteriza a conceitualidade; ao passo que, do lado do sentimento, o corpo articulado (*Leib*) se manifesta como uma condição da sistematização dos sentimentos e, assim, da experiência enquanto tal. Uma análise dessa duplicidade da série desvela uma circularidade, pois, de um lado, a autonomia da reflexão depende de um ponto de partida real e, de outro, a apreensão do ponto de partida depende da autonomia da reflexão. A chave da solução é encontrada no conceito que, somado ao *Leib*, constitui a segunda grande inovação da *Nova Methodo*, a saber, o apelo (*Aufforderung*). Com efeito, o começo do processo de tomada de consciência é explicado por Fichte a partir da noção de um apelo resultante da percepção da razão fora do eu que reflete; a autorreflexão se inicia assim quando o ser racional, ao perceber que há racionalidade fora de si, vê-se diante de um apelo de autolimitação. O movimento conceitual da *Nova Methodo* é coroado então por uma síntese entre duas duplicidades (ideal visado x realidade encontrada; eu x não-eu) cujo resultado se manifesta como uma condição necessária da consciência de si.
- 6 A essa apresentação do sistema do saber segue-se um período de interrogação sobre as condições de possibilidade de sua enunciação o qual resultará em mudanças na exposição. Tais mudanças originam-se sobretudo da crítica generalizada ao ponto de vista da consciência oriunda dos projetos filosóficos de Jacobi, Reinhold, Hegel e, sobretudo, de Schelling. Este último, ao transformar o absoluto em conceito chave da filosofia, expõe o projeto fichteano a um desafio, a saber, confrontar a filosofia do eu consciente com a filosofia do absoluto. Fichte responderá a Schelling, sugere o autor, sem abandonar o terreno crítico na medida em que defenderá a tese central de que de que todo saber absoluto resta um *saber do absoluto*, isto é, uma apropriação do absoluto segundo as condições do saber. A primeira exposição de 1801 vai mostrar então como o absoluto é construído a partir de uma análise da consciência. A filosofia, ou *Wissenschaftslehre*, é destarte *não um objeto absoluto*, mas *um instrumento pelo qual a consciência adquire o saber de si*. A exposição começa pelo experimento de pensar o absoluto sem deixar que nenhum

outro pensamento interfira; nesse exercício, a consciência é conduzida a ultrapassar-se por meio de um percurso de autocrítica que conduz à intuição intelectual da identidade entre o *ser do saber* (o *quê* – *was*) e a *liberdade da reflexão* (o *porquê* – *weil*). Uma vez conduzido ao ponto da intuição intelectual, o leitor da exposição de 1801 é conduzido, nas palavras do autor, a uma autoanálise do saber adquirido, o qual contém uma ligação entre não-conceitualidade (estrutura pré-predicativa da realidade) e liberdade de tal sorte que o ser do saber é demonstrado como uma existência indemonstrável, conduzindo assim à sistematização da incompletude, isto é, à demonstração de que o sistema do saber se funda necessariamente sobre um ser cuja existência é indemonstrável.

- 7 A primeira exposição da *Doutrina da Ciência* de 1804 representa o termo de um desenvolvimento intelectual que alcançará um período, segundo o autor, de estabilização de temas e questões. Nesse período que dura até as primeiras formulações tardias da *Doutrina* em 1810 é marcado por uma exploração de: (i) o saber *como imagem* ou forma existencial do absoluto; (ii) o Eu *como luz*; (iii) a atividade de saber *como um ver*; (iv) a relação do saber ao objeto *como oscilação* entre idealismo e realismo. A exposição é marcada pela demonstração da facticidade (contingência necessária) do saber e pela expressão da diferença transcendental na forma clássica da oposição entre essência e existência. A obra é composta por uma série de reflexões em que o leitor é conduzido pelo filósofo até o momento em que mais uma vez inicia-se um movimento de autoanálise do saber. O saber é aqui formulado como o movimento de recondução da cisão originária consciência-mundo à unidade; nesse processo, revela-se que a *evidência* do saber não é capaz de estabelecer sua *existência fática*, de modo que o saber enquanto existência mostra-se necessariamente problemático. Tal problema não é contudo um indício de fraqueza teórica, mas de uma fratura interna entre a essência em si do saber e a sua forma existencial; aquilo que é em si (essência) só pode aparecer como fenômeno ou imagem (existência ou imagem da essência), e a filosofia, ou *Wissenschaftslehre*, é precisamente a exposição da diferença e da unidade de ambos – a exposição é destarte condicionada pela divisão originária. A este ponto, sucede o movimento de autoanálise do saber onde se revela a contingência da unidade entre diferentes duplicidades; nesse desdobramento, a *Wissenschaftslehre* se manifesta como o processo pelo qual o ver se torna visível a si. Para atingir tal ponto, todavia, é preciso construir uma mediação entre o ponto de vista da filosofia e o da vida, pois sem a mediação necessária desta, a filosofia fichteana, uma metafísica da ação, não pode jamais se realizar.
- 8 Esse notável percurso de reconstrução do projeto fichteano oferece ao público lusófono uma leitura exemplar da filosofia daquele que sempre insistiu sobre o ponto de que apenas aqueles dispostos a reconstruir em si mesmos as reflexões filosóficas poderão um dia alcançar ir além da letra a apreender seu espírito. Ele contribui ainda para desfazer os preconceitos que pairam sobre a filosofia fichteana e que obliteram a visibilidade das notáveis possibilidades conceituais abertas por esse peculiar projeto filosófico.

AUTORES

LUIS FELLIPE GARCIA

Unviersité Catholique de Louvain